



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ESTUDO SOBRE AS ASSOCIAÇÕES JAPONESAS EM MARÍLIA – SÃO PAULO

INFORMATION, MEMORY AND IDENTITY: STUDY ON JAPANESE ASSOCIATIONS IN MARILIA – SÃO PAULO

Natacha Kajimoto¹, Lidia Eugenia Cavalcante², Márcia Cristina Carvalho Pazin³

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Apresenta pesquisa que resultou na dissertação de mestrado “Informação, memória e identidade: estudo sobre as associações japonesas em Marília”, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, financiada pela Capes. Os primeiros japoneses chegaram a Marília em 1926 e, já em 1930, foi fundada a primeira associação japonesa nessa cidade, o *Nikkei* Clube de Marília. Em 1945, outra associação foi fundada, a Associação Esportiva e Cultural *Okinawa* de Marília (AECOM). Essas duas associações trouxeram contribuições essenciais para a disseminação da cultura japonesa e para a construção da identidade dos imigrantes em Marília e região. Nesse âmbito, esta pesquisa objetiva analisar como se deu o desenvolvimento dessas associações, em relação à cultura informacional, à memória e à identidade japonesa, nessa região. Portanto, estuda-se o papel dessas associações na construção da identidade e da cultura japonesa em Marília, a partir dos relatos e da memória de seus participantes e dos documentos que constituem seus acervos. A pesquisa contempla uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, usando como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e História Oral, além do estudo dos documentos que fazem parte do acervo histórico do *Nikkei* Clube de Marília e da Associação Esportiva e Cultural *Okinawa* de Marília (AECOM), que constituem o universo de pesquisa deste trabalho. Como resultado, apresentamos as motivações identificadas durante a pesquisa para a criação e manutenção das referidas associações no que se refere à cultura informacional que se desenvolveu a partir do relacionamento de imigrantes, seus descendentes e a comunidade local.

Palavras-chave: Informação, memória e identidade. Imigração japonesa. Cultura informacional. História oral e História de vida.

¹ Mestre em Ciência da Informação pela UNESP/Marília.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UNESP/Marília.

Abstract: *It presents the research about the information, memory and Identity in the Japanese associations in Marília. This study was presented as the Master's thesis in the Graduate Diploma in Information Science from the Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, funded by CAPES. The first Japanese arrived in Marília in 1926, and already in 1930, was founded the first Japanese association in this city, the Nikkei club Marília. In 1945, another association was founded, the Sports and Cultural Association Okinawa Marília (AECOM). These two associations brought essential contributions to the spread of Japanese culture and the construction of identity of immigrants in Marília and region. In this context, this research aims to analyze how has the development of these associations, in relation to the information culture, memory and the Japanese identity, since they were not identified studies on this contribution to that community and to Brazilians living in Marília. Therefore, studying the role of these associations in the construction of identity and Japanese culture in Marília, from the reports and the memory of its participants and the documents that make up their collections. The research includes a qualitative approach, exploratory, using as methodological procedures to literature and oral history and the study of the documents that are part of the historical collection of the Nikkei club Marília and Sports Association and Cultural Okinawa Marília (AECOM) which constitute the universe for this work. As a result, we present the motivations identified during the research for the creation and maintenance of the association regarding the information culture that developed from immigrants relationship, their descendants and the local community.*

Keywords: *Information, memory and identity. Japanese immigration. Information culture. Oral history and Life story.*

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta os resultados da pesquisa de mestrado que originou a dissertação intitulada “Informação, memória e identidade: estudo sobre as associações japonesas em Marília”, na Linha de Pesquisa de Gestão do Conhecimento e Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Buscou estudar e analisar o papel das associações japonesas na construção da memória, identidade e cultura dos imigrantes japoneses em Marília e, ainda, verificar como se dá o processo de transição e mediação da cultura informacional nas relações comunicacionais entre os imigrantes que vivem nessa região, a partir das associações estudadas.

A justificativa para desenvolver este estudo se dá pelo fato de que a região de Marília foi uma importante rota para a imigração japonesa no início do século XX por causa das fazendas de café, e pelas matas que existiam para serem desbravadas. Foi, ainda, uma das que mais recebeu imigrantes japoneses naquela época. Também, há o fato de, até o momento, são poucos os estudos sobre como esses imigrantes agiram para fazer com que a identidade, a memória e a cultura japonesas não se perdessem, mesmo estando tão longe da terra natal.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo é investigar e analisar o papel das associações japonesas na construção da memória, da identidade e da cultura informacional em Marília, para compreender como se dá o processo de apropriação e mediação da cultura e das

práticas informacionais desenvolvidas pelos imigrantes japoneses que vivem nessa região a partir da atuação das associações estudadas.

Para que uma história não se perca, a pesquisa acadêmica e a ciência são uma realidade que podem ser legadas às futuras gerações, a partir, por exemplo, da possibilidade de se contar uma história, que é fruto das vivências, da memória e das experiências dos indivíduos. Para Cervo e Bervian (2002, p. 5), “os elementos que constituem boa parte da ciência e que são a parte transitória e efêmera, como certas hipóteses e teorias, perdem-se no tempo, conservando, quando muito, interesse histórico”. Dessa forma, sobretudo nas Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, os estudos históricos se tornam fundamentais, tendo em vista que podem contribuir metodologicamente para a construção de memórias e identidade a partir do registro informacional das memórias.

A metodologia utilizada na pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória. Num primeiro momento deste estudo, foi realizada pesquisa de caráter bibliográfico sobre os principais conceitos relacionados com a temática aqui pesquisada, como Memória, Identidade, História Oral e História de Vida. Com o conhecimento obtido a partir das leituras realizadas, foi possível elaborar um aporte teórico para melhor compreender os entremeios da pesquisa histórica e do uso da memória para a construção de fatos importantes como a imigração japonesa para o Brasil.

Entendemos que os documentos se constituem em uma fonte rica e poderosa de informação, cujos conteúdos oferecem evidências que fundamentam afirmações e declarações necessárias ao estudo de nosso objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, realizamos estudos nos acervos das associações japonesas pesquisadas, onde se encontram armazenadas fontes documentais como atas, estatutos, imagens etc.

As abordagens metodológicas recaem no uso da História Oral, que nos permite conhecer histórias de vida e de eventos marcantes para a memória e identidade japonesas, mediante a realização de entrevistas com imigrantes e seus descendentes. Utilizamos, portanto, a História Oral que, de acordo com Alberti (2005), trata-se de um método de pesquisa de caráter histórico, antropológico e sociológico, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos importantes para auxiliar o pesquisador a compor o seu olhar sobre o objeto de estudo.

O estudo historiográfico se deu por meio dos documentos que fazem parte do acervo histórico do Nikkey Clube de Marília e da Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM), que constituem o universo de pesquisa deste trabalho. Dentre os principais documentos selecionados e que foram analisados estão as atas e fotos de diferentes períodos

das associações. Como período cronológico desta pesquisa, definimos a partir da chegada dos primeiros imigrantes japoneses em Marília em 1926, assim como a fundação de suas associações no ano de 1930, com destaque especial aos acontecimentos referentes ao período da Segunda Guerra Mundial e a sua influência nessas entidades. O estudo encerra-se no momento presente, ao destacarmos o papel das associações japonesas para a sociedade mariliense na atualidade e o quanto significam referências para japoneses e brasileiros que habitam essa região.

2 NIHONJIN-KAI - AS ASSOCIAÇÕES EM MARÍLIA (SÃO PAULO)

Na busca para compreender a memória e a identidade dos japoneses que vivem no Brasil, especificamente aqueles que se instalaram na região de Marília - São Paulo, desde o processo migratório iniciado no começo do século XX, intenta-se apresentar, inicialmente, os percursos trilhados por eles, a partir da fundação de associações nessa região.

É importante compreender a influência dos conceitos de identidade e memória nos grupos sociais que deixam um local em busca de novas oportunidades. Cada indivíduo leva consigo um conjunto de impressões de memória que determinam sua identidade cultural. Esse conjunto, porém, está diretamente relacionado a outras memórias dispersas em indivíduos e grupos dos quais se faz parte.

Para recompor a memória e a identidade, muitas vezes, nos utilizamos da memória dos outros, de modo que os acontecimentos que foram esquecidos por nós sejam retomados e nos façam lembrar fatos importantes do passado. O que outros indivíduos lembram, pode ajudar a reconstituir um tempo que foi esquecido com o passar dos anos.

Halbwachs (1990, p. 53) salienta que,

Não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo, mesmo por metáfora. Parece que tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual. Admitamos, todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere do seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são tantas outras imagens parciais. Haveria então memórias individuais e, se quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memória.

Podemos afirmar, ainda, que a identidade é construída em referência aos outros, para que haja uma aceitação e credibilidade, e isso só será possível a partir da negociação direta

com o interlocutor ou interlocutores. Mas, a memória e a identidade são geralmente negociadas e podem ser compreendidas como sendo essência de um grupo ou um indivíduo.

Para tanto, é necessário saber distinguir que a identidade é constituída por aquilo que tem significados para os próprios indivíduos, ou seja, que é originada deles, e construída pelo processo de individualização dos sujeitos. Algumas identidades, porém, podem ser formadas por meio de uma instituição dominante, que são aquelas instituições que só vão assumir qualquer condição quando e se os atores sociais internalizarem a sua vivência, o que vai resultar na construção do seu significado, com base nessa internalização, e que os papéis sociais, ou seja, os papéis que cada indivíduo assume na sociedade influenciam o comportamento das pessoas dependendo do que elas vão vivenciar em um determinado momento.

Podemos, então, afirmar que, nós nos identificamos com os nossos pares por meio da cultura e, de acordo com a cultura na qual o indivíduo está inserido, ele irá construir uma identidade. A cultura define a identidade de um povo, e a identidade é a identificação desse povo em relação aos demais e também a identificação deles com sua própria cultura. Os pontos de identificação, dentro de cada cultura, diferenciam os que pertencem a esta ou aquela cultura.

A memória permite que o indivíduo tenha uma identidade, e, através do que nela está alojado, descobrimos o passado de nossos ancestrais e encontramos nosso lugar na sociedade. Como Zilberman (2006, p. 117) afirma,

Memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Esse objeto pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou recordação; mas não se limita a isso, porque compete àquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que se recorre quando necessário.

A memória vivida, seja individual - aquela que o indivíduo carrega com ele – ou a coletiva – aquela que é fruto das vivências de um grupo de indivíduos ou herdada de outros indivíduos ao longo dos tempos - é indissociável da organização da vida de um indivíduo. Na memória herdada, percebemos que há uma ligação entre memória e o sentimento de identidade e de pertencimento. O sentimento que tem sentido de imagem, uma imagem que o indivíduo adquire ao longo da sua vida e apresenta aos outros. Nessa construção identitária, o indivíduo é levado pelo sentimento de pertencimento a um determinado grupo.

As associações ou *Nihonjin-kai*, como são chamadas pelos descendentes de japoneses, surgiram com o intuito de fundar escolas voltadas para os filhos dos imigrantes. Fato curioso que salienta a intenção de se criar escolas nos moldes da cultura japonesa é apontado por Silva (2008), ao destacar que todo o material e métodos didáticos utilizados nas *nihon gakko* (escolas japonesas) eram importados do Japão.

Mas, para entendermos como surgem essas associações e o que elas representam realmente para a identidade e a cultura japonesas em terras brasileiras, devemos nos atentar um pouco para as questões referentes à imigração japonesa para o Brasil, a trajetória e motivações desse povo.

Sobre a imigração japonesa para o Brasil, Silva (2008, p. 25) ressalta um importante personagem, considerado como o “pai da imigração”, que tem papel de destaque nessa trajetória:

Considerado o “pai da imigração” e mistificado nos dias atuais pela “comunidade nikkei” enquanto “pai da imigração japonesa”, *Ryu Mizuno*, diretor da *Kookoku Shokumin Kaisha* – Companhia Imperial de Imigração – começa a organizar a primeira leva desses imigrantes que partiriam do Japão no dia 27 de abril de 1908 do porto de Kobe, um dos maiores portos japoneses do período e também um dos maiores responsáveis pelo embarque de emigrantes japoneses rumo ao Brasil.

Os imigrantes já partiam do Japão com acordo de trabalho acertado com a Hospedaria dos Imigrantes, uma estrutura especificamente criada para receber cidadãos estrangeiros recém-chegados ao Brasil, que seriam posteriormente destinados às fazendas no interior do país. Uma vez tudo acertado, a Hospedaria fechava contrato com os donos das fazendas de café no interior de São Paulo. Essas hospedarias recebiam imigrantes europeus, árabes e japoneses. E assim,

Na manhã de 18 de junho de 1908, o *Kasato-Maru* completou sua viagem de 51 dias e vinte mil quilômetros do Japão até o porto de Santos, trazendo às costas brasileiras os primeiros 781 integrantes do que viria a ser a maior colônia japonesa fora do Japão. (LESSER, 2001, p. 159).

Os imigrantes deveriam estar em famílias, com pelo menos três integrantes de 15 a 50 anos, para contribuírem como mão-de-obra. Para tanto, recomendava-se que essas famílias estivessem constituídas por jovens aptos ao trabalho e com disposição para fazerem serviços braçais e pessoas com um pouco mais de idade, porém úteis para o trabalho. No pensamento dos fazendeiros, pessoas mais velhas tinham mais comprometimento e eram menos rebeldes, o que faria com que ficassem por um período mais longo nas fazendas.

Dentre os imigrantes a bordo, a maioria era proveniente de *Okinawa* e de *Kagoshima*. Ao chegarem no Brasil, entretanto, todos eram classificados em uma única categoria, a de

“japoneses”. Porém, eles próprios, se separavam uns dos outros, em os provenientes do arquipélago niponiso e os da ilha de *Ryukyu*, os *okinawanos*. Os *okinawanos* chamam os habitantes das ilhas principais de *naiti-jin*, e esses, por sua vez, nomeiam os habitantes de *Okinawa* de *okinawa-jin*.

Vieira (1973, p. 166) destaca que a chegada dos imigrantes japoneses em Marília tem seu início no ano de 1926 e, em 1930, eles já representavam uma soma de 273 famílias, habitando na zona urbana e rural, trabalhando na lavoura das fazendas. Em 1941, esse número saltou para 2.882 famílias. Com o intuito de manter viva a cultura japonesa, os imigrantes residentes na cidade de Marília criaram associações que contribuíram para a manutenção de seus valores e identidade. Essas associações foram fundadas após um ano da vinda dos imigrantes japoneses para Marília. A primeira em agosto de 1930, denominada *Marília Nihon-jin-kai*, e a outra em outubro daquele mesmo ano, denominada *Marília Chuo Nihon-jin-Kai*. Ambas tinham a mesma proposta, organizar uma escola japonesa e unir todas as famílias, bem como mediar o relacionamento entre os japoneses e os brasileiros.

Para Vieira (1973), a dualidade teria resultado da existência de dupla liderança. Essas duas associações estavam organizadas e, cada uma, tinha seu chefe. Porém, como os imigrantes residentes em Marília carregavam com eles o preconceito pelos *okinawanos*, o fato da associação *Marília Nihon-jin-Kai* ter como um dos fundadores um *okinawano* sua presença como membro dessa associação resultava na não aceitação por parte de alguns chefes de família, o que agravou ainda mais a divisão desse grupo, que ficou dividida pelos líderes da seguinte forma: quem gostava da *Marília Nihon-jin-kai* ficava com ele, se não, ia para o líder da *Marília Cho Nihon-jin-kai*.

Vieira (1973, p. 168) destaca que “Durante anos, vemos persistir difusamente a ‘rivalidade entre os dois grupos’, até que uma crise interna, resultante da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, colocara a necessidade de uma reorientação de todo o grupo japonês”. Com isso, as duas associações marilienses tentaram se unir, visando ampliar a solidariedade entre si. Como resultado dessa união, foi conseguido um acordo: em 1932 unificaram as associações na *Marília Nihon-jin-Kai*, que passou a ser orientada por membros de uma e de outra tendência.

Em 1935, essa mesma associação passa a ser chamada de Associação Japonesa de Instrução de Marília, e tinha como principal objetivo beneficiar a instrução primária e desenvolver o espírito de solidariedade entre brasileiros e japoneses.

Com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e os países do Eixo, constituído pelo Japão, Alemanha e Itália, que se uniram contras forças aliadas na Segunda

Guerra Mundial, em 1942, os imigrantes japoneses que residiam em Marília também ficaram prejudicados, sendo eles alvo de várias represálias e impedidos de se reunirem em grupo. Como explica Vieira (1973, p. 235),

Os japoneses das zonas pioneiras foram duramente atingidos por essas medidas, tanto mais quanto estavam economicamente e culturalmente orientados para o Japão. Viram seus depósitos bancários congelados, proibida a alienação ou oneração de seus bens imóveis, privados do apoio das casas bancárias japonesas, suas cooperativas agrícolas sob regime de interventoria e todas as empresas de capital japonês compelidas à liquidação forçada ou colocadas sob a administração do Governo Federal. Foram também fechadas as escolas japonesas e as associações nipônicas.

Em 1951, após a Segunda Guerra Mundial, a Associação foi reaberta e a escola voltou a funcionar. Em 1952, foi feita uma nova eleição para a diretoria que permaneceu até 1960. Porém, nesse período, houve mudanças no nome dessa associação e em seu estatuto, mas sempre com a preocupação voltada à instrução primária dos filhos de seus associados e com a manutenção da cultura e identidade japonesa. Em 1954, novamente, há uma mudança no nome da associação, que passa a denominar-se Associação Nipo-Brasileira de Marília. Em 1959, com outra mudança, a entidade passa a nominar-se de Associação Japonesa do Brasil de Marília.

Apesar de a *Nipo* ser a principal associação japonesa em Marília e representativa entre os imigrantes japoneses, havia poucos associados de *Okinawa*. Somente em 1962, um *okinawano* tem o cargo de diretoria. Os *okinawanos*, porém, possuem sua própria associação desde 1930, a *Okinawa Kyokai* de Marília, filial da *Okinawa Kyokai* do Brasil com sede em São Paulo.

A *Okinawa Kyokai* de Marília foi fundada nos primeiros anos da cidade, por volta de 1930, na mesma época em que Marília *Nihon-jin-Kai* surgiu, e com a finalidade de reunir as famílias okinawanas do município, então em número de 20 a 23. A associação só foi registrada depois da guerra, a 5/4/1952 (VIEIRA, 1973, p. 181).

Apesar de existir na cidade desde 1930, durante a guerra, a associação *Okinawa Kyokai* de Marília teve seus documentos queimados e toda a informação sobre esse período inicial foi perdida. Fato lamentável como esse acontece comumente com acervos documentais e muito da história e da memória é perdida, dificultando a transmissão do conhecimento às gerações futuras e deixando lacunas irreparáveis à pesquisa científica e à escrita da história.

Segundo Vieira (1973, p. 165),

Tais associações “servem, não apenas como focos de tradição, mas são também canais de comunicação com a sociedade receptora”. Essas associações têm o papel importante para que a identificação do povo japonês não se perca, mas também foram extremamente necessárias na transição dos imigrantes que chegavam ao Brasil sem conhecimentos do país para onde imigraram.

Quando essas associações foram criadas, tinham sua filiação limitada somente aos japoneses, pois visavam contribuir para a identidade e cultura dos japoneses, considerada por eles completamente diferente da identificação brasileira.

Mas, como bem aponta Vieira (1973, p. 165), “em algumas associações, os antigos padrões expressivos, tornaram-se mais limitados no seu alcance, não sendo um símbolo de identificação étnica em oposição à sociedade brasileira”. Entende-se por padrões expressivos, normas, valores, comportamentos e um sistema de status específico que contribui para a identidade particular que se opõe à identificação comum com o sistema social inclusivo.

Com o passar do tempo, após maior adaptação dos imigrantes no Brasil, os japoneses começaram a participar das instituições brasileiras e, os brasileiros, por sua vez, também passam a integrar as associações japonesas.

As associações também foram utilizadas pelos imigrantes como canais de comunicação com a sociedade brasileira, auxiliando na transformação e representação do grupo que ela congregava, facilitando a solidariedade entre japoneses e brasileiros, podendo, com o passar do tempo, se tornar uma importante extensão da participação dos japoneses nas esferas institucionais da sociedade brasileira.

2.1 AS ASSOCIAÇÕES JAPONESAS EM MARÍLIA: MARCAS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NA VOZ DOS DEPOENTES

Quando não há documentos, nem registros físicos de uma história, recorreremos aos registros na memória dos indivíduos para que, assim, possamos reconstituir a parte que foi perdida, deixando para as gerações posteriores informações de um passado importante que, muitas vezes, corre o risco de desaparecer. Para tal, costuma-se recorrer à história oral como metodologia que permite, através da voz, produzir registros/documentos oriundos, por exemplo, da memória de imigrantes, de identidades étnicas, de fatos e acontecimentos que podem contribuir com a pesquisa científica e com a história social de um povo.

Segundo Zilberman (2006), “a narrativa constitui, pois, o espaço em que a memória se manifesta, tomando toda recordação a forma de um relato retrospectivo.” É, portanto, uma via singular para definir pontos de articulação entre o dito e o escrito, a vida cotidiana e o passado.

A partir dessas reflexões acerca da importância da narrativa para a constituição de acervos memorialísticos, bem como para a reconstrução de percursos historiográficos, muitas vezes silenciados, por diferentes motivos, sejam eles culturais, sociais ou políticos, é que fomos buscar na voz dos depoentes a trajetória da imigração japonesa para São Paulo, especificamente para a região de Marília, e os motivos que levaram à fundação das associações nessa cidade.

Em geral, fazer as pessoas falarem sobre o seu passado e suas histórias de vida não se constitui tarefa das mais fáceis, principalmente se as memórias desses indivíduos estiverem relacionadas a fatos marcantes, como a imigração japonesa para São Paulo e seus descendentes – percebemos isso ao longo dessa trajetória de pesquisa. Entrevistas foram agendadas e desmarcadas; outras, tivemos que percorrer um longo processo de conquista para o depoente sentir-se confortável e confiante para falar e, algumas planejadas em nossa metodologia, sequer chegaram a acontecer.

A princípio, propomos, nesta pesquisa, entrevistar três jovens, três adultos e três idosos de cada uma das associações. Assim, seriam ao todo, dezoito entrevistados. Porém, encontramos várias dificuldades em localizar jovens com o perfil especificado anteriormente na Associação Nikkey Clube de Marília. Isso nos leva a refletir se há pouco interesse por parte das novas gerações em manter as tradições e a cultura dos seus antepassados japoneses.

A partir do silêncio, do olhar e da voz de cada depoente, também foi possível contar um pouco da trajetória da cultura e da identidade japonesa em Marília, elementos que, até hoje, edificam a existência das duas associações, como destaca Guilherme Tukan, um dos entrevistados ao falar sobre a memória do trabalho que é tão forte na vida dos decentes japoneses na cidade: “*Bom... Acho que faz bastante tempo, e eles vieram para cultivar algodão e agricultura no geral.*”.

Fundar associações foi uma das formas encontradas pelos japoneses para se manterem unidos no país estrangeiro que passara a ser o novo lar. E, ao falar sobre a Associação Okinawa, o jovem Vitor Takahashi Higa, que é filho de associado ressalta:

A Associação Okinawa teve início há mais ou menos uns 80 anos, quando as primeiras famílias começaram a vir pra cá. [...] Um dos fundadores foi o Shimabukuro, se não me engano. Bom, como vieram algumas famílias de

Okinawa pra cá ne... eles antigamente se juntavam nas casas para matar as saudades, para unir as famílias e pra matar a saudades que tinham da casa deles, lá no Japão né...e eles normalmente faziam as reuniões nas casas. Iam variando assim, na casa de um, na casa de outro. [...] Eles se reuniam nas casas e assim eles iam discutindo algumas formas de melhorar o cultivo, essas coisas, agora o nome do dono da primeira casa eu não vou saber informar.

Devemos informar que Vitor é um brasileiro que foi adotado recém-nascido por um casal de descendentes, e que herdou dos pais adotivos a cultura e a identidade japonesa, hoje ele se reconhece como um descendente.

As informações fornecidas pelos mais jovens são sempre mais genéricas. São histórias que escutaram em família, tendo inclusive, alguns deles, estudado antes para a entrevista. Em alguns casos, como o do José Roberto, pai do Guilherme, a história familiar é lembrada justamente pelas condições específicas que ocorreram.

Que eu tenho informação é que logo depois da Segunda Guerra Mundial no caso do meu avô, ele foi literalmente expulso de Santos por que quando o navio veio ele ficou lá, fez moradia em Santos, eu busquei a informação de qual navio que ele veio, consegui, mas, não estou lembrando agora que navio era. Aí, ele aportou em Santos e ficou morando lá, aí quando teve a Segunda Guerra Mundial eles foram expulsos para não ter contato com os japoneses que chegavam e os que estavam aqui. Aí, saíram de Santos e vieram para o interior de São Paulo porque tinham a informação que aqui tinha plantação de café, lavoura, e vieram a procurar trabalho. Também havia o fato de que os descendentes de Okinawa estavam todos vindo para cá, e foi aí que começou a vinda de okinawanos para Marília, logo depois da Segunda Guerra. (José Roberto Tukasan)

Nenhum dos entrevistados soube informar ao certo quando os descendentes da ilha de Okinawa vieram para o Brasil, como ocorre com a senhora Yoshi Matsumoto ao afirmar: “*Ah, eu não sei, mas eu não fui uma das primeiras, apesar de ter 102 anos.*”

Outro ponto comum, sustentando em várias falas, é o fato de que os japoneses vieram para o Brasil em busca de um sonho e encontraram uma ilusão.

[...] Eu entendi que a história foi assim, eles venderam uma ilusão para eles tanto para os japoneses de Tokyo, como os de Okinawa que aqui era uma terra rica, como hoje acontece ao contrário, os descendentes estavam indo pro Japão pra ganhar dinheiro, eles vinham para o Brasil para ganhar dinheiro. (José Roberto Tukasan)

Segundo os depoentes, a Associação foi criada para unir japoneses e descendentes para “[...] preservar a cultura de Okinawa. Primeiro eram poucas famílias que se reuniam para preservar essa cultura, depois foi aumentando.” (Guilherme Tukasan). Embora exista uma

placa na sede da associação com o nome de todos os fundadores, os entrevistados evitam citar nomes.

Os detalhes do início da primeira associação, antes mesmo da formalização, só está presente na fala dos mais antigos. Isto demonstra que a informação mais completa se não for registrada perde-se com o tempo na memória individual. Entre o dito e o escrito, há marcas de uma narrativa de um contexto compartilhado entre os que viveram uma mesma época. E, alguns detalhes sobre a criação e existência da Associação são encontrados somente nas palavras dos depoentes. Cada entrevistado conta detalhes do que lhe é mais próximo, das memórias de que, alguma maneira, ele participou ou representa algo a mais.

Começou com os homens, as mulheres não iam, meu marido ia, mas as mulheres iam só quando tinha undokai ou alguma festa que precisava cozinhar, não podia ficar no meio dos homens como hoje. Hoje as mulheres já frequentam até as reuniões. A matriz era em São Paulo e foram trazendo para o interior, mas como nessa época só os homens se reuniam, eu não sei dizer, mas como já tinha o Nikkey acho que eles resolveram fazer uma associação só para os okinawanos. (Yoshi Matsumoto)

A senhora Matsumoto deixa claro que as mulheres, naquela época, não participavam das associações ativamente. Somente quando havia algum evento em que elas precisavam ajudar, principalmente cozinhando. Além disso, as mulheres também acompanhavam o marido, em um espaço cujo nascedouro foi completamente destinado ao público masculino.

Atualmente percebe-se que a Associação está presente na vida dos mais jovens, especialmente em razão das atividades esportivas e culturais. Estes tiveram os primeiros contatos devido à interferência dos pais, porém essa influência fez com que eles mantivessem o elo.

Bom, desde pequeno, eu ia no Okinawa com meus pais e não sabia o porque, [risos...] mas, continuo indo até hoje. Hoje vou por causa dos eventos e tudo o que tem lá. Eu ia lá para encontrar com meus amigos e também como ia com meus pais não tinha muita escolha, mas hoje eu vejo o quanto isso foi importante para minha vida ter participado do Okinawa. (Guilherme Tukasan)

Frequentar a associação é, dessa maneira, um costume passado de pai para filho. Os jovens mais ativos são filhos de pais que foram participantes, também envolvidos com a Associação na juventude. A transmissão da informação sobre a importância de participarem não é exatamente verbal e sim comportamental. Pais frequentadores, possivelmente levarão seus filhos a frequentar.

Os idosos frequentam desde quando eram jovens, pela influência que tiveram de seus pais que os levavam desde pequenos. Hoje, eles fazem o mesmo com filhos e netos.

Alguns entrevistados tiveram participação ativa na gestão da Associação e estiveram, de alguma forma, envolvidos por décadas, apontando uma relação pessoal e social do seu tempo vivido nos meandros desse movimento associativo.

Vixi... Faz tempo hein... Desde 1949, quando não tinha ainda nome a Associação, porém era uma associação Okinawa. Não tinha nome japonês. Era só Kenjin-kai, só isso. Eu... gosto muito da Associação, já fui presidente, vice-presidente também, tenho muita amizade lá, que vem de muito tempo atrás. Vice-presidente em 1987 e presidente no ano de 2004 – 2005 e em 2006 eu fiquei por seis meses como presidente, aí teve eleição e eu cobri uma parte porque a pessoa eleita precisou se ausentar e acabei pegando essa parte dos seis meses. (Júlio Eiti Fukuji)

Como esta pesquisa também buscou verificar a presença dos jovens nas associações japonesas de Marília na atualidade, questionou-se sobre o engajamento deles nos dias de hoje e as motivações para permanecerem lá.

Oh, em nossa associação a gente joga bola, tem o grupo do taiko, tem o senenkai que é um grupo de jovens que se reúne para fazer atividades. [...] contando com os jovens que também frequentam o taiko tem mais ou menos uns 70, mais ou menos. [...] é... que... o grupo do senenkai é mais para os filhos de associados, mas a gente abre pro pessoal que é de fora sim. (Vitor Takahashi Higa)

Tem o taiko, que o pessoal frequenta bastante, tem o futebol que não só os jovens, mas também os adultos participam bastante e tem vários eventos que o okinawa faz para o público em geral, mas principalmente para os okinawanos. (Guilherme Tukasan)

A memória vivida e construída por essas pessoas não se dá sem paixões ou elos muito tênues entre a vida pessoal, o trabalho, o lazer e a vida social.

Claro! Importante é, ficamos todos os okinawanos unidos, nós preservamos muito a união, e com essa associação é maravilhoso ficarmos juntos, como Okinawa é pequeno consideramos todos irmãos, então gostamos de nos unir. No início, quando ficávamos todos unidos era muito divertido, muito bom, tinha menos saudades. Eu sou a okinawana mais velha que mora em Marília. Foi muito importante, elas trouxeram um pouco da nossa cultura para o Brasil, nas festas sempre tem exposições de kinomo, comidas, danças, músicas, assim o pessoal fica sabendo como é lá. (Yoshi Matsumoto)

Os jovens trazem, em suas falas, os mesmos elementos que os mais velhos, porém, de uma maneira mais simplificada. Assim, percebe-se que a mensagem dos mais velhos, de preservação da cultura, está sendo passada e assimilada, mesmo que de outra forma. Verifica-se nos depoimentos, que há uma aproximação do discurso acerca do papel e da importância da Associação entre as diferentes gerações.

Pra mim tem sido bastante importante porque além de saber mais da minha família eu pude ter novos amigos também, aprendi bastante coisa junto, então cultura assim que fui aprendendo e que...você vai entendendo, vai vendo de perto como é, vai sentindo como é, acho que ajuda bastante você ter uma disciplina melhor. (Vitor Takahashi Higa)

Todos os entrevistados consideram a associação imprescindível para a vida pessoal. Alguns encontram o conforto de uma perda, principalmente os mais velhos ao relatarem que, após a morte de uma pessoa querida, a entidade funcionou como amparo. Outros, entre os mais jovens, encontram amigos e criam círculos de amizades. Em ambos os casos, se torna um ambiente de relações sociais e interpessoais.

Além das questões de cunho pessoal, há outro fator marcante em relação à cultura que é o registro documental da memória social das pessoas que estiveram ou estão, de alguma forma, ligadas a associação. Os eventos, o registro documental e a vivência familiar são reconhecidos como mecanismos de transmissão de conhecimento entre as gerações.

Tem as atas, onde são anotados os acontecimentos, e assim, como eu sou filho de associados, mais para frente eu vou ser um associado também, é meio que vai passando de herança, os mais velhos vão passando, fora que meus avós também vão contando umas histórias para mim. (Vitor Takahashi Higa)

Contando a história, repassando para os mais novos. Tem ata que é guardada, e, às vezes, eles precisam mexer para pegar informações e acontecimentos e traduzir essas atas. (Evelyn Fukuji Fuzi)

Durante a realização da pesquisa, verificou-se que há uma escassez de registros sobre os acontecimentos. Assim, fatos importantes para pesquisadores e para os próprios descendentes elucidarem os percursos trilhados pelos imigrantes japoneses para a região de Marília são, a maioria das vezes, obtidos somente mediante a história oral.

A análise das entrevistas nos fez perceber que os depoentes confundem principalmente os conceitos de memória e cultura. Para eles, preservar a cultura seria o mesmo que preservar a memória. Exemplo disso, é a criação do grupo de taiko, que é bem recente em relação à história da associação e é apresentado como preservação da memória. E, na verdade, não é. É um elemento cultural mais recente na associação. Embora seja uma tradição antiga no Japão, somente nos anos 2000 foi incorporado às atividades da associação.

Estudar a memória e a cultura dos *okinawanos* em Marília compreende um amplo e rico caminho a ser percorrido. Isso pode ser percebido nos relatos dos depoentes com os quais dialogamos nesta pesquisa e que compõe vasto material de construção histórica.

Embora o Nikkey Clube seja a maior associação da região da Alta Paulista, com cerca de três mil famílias cadastradas, a transmissão da história dessa associação parece apresentar menor sucesso em relação à Associação Okinawa, cujos jovens são mais participativos e interessados na vida da associação.

Os relatos sobre a imigração japonesa, apresentados pelos depoentes, membros do Nikkey Clube, não apresentaram muitos detalhes. Os idosos foram concisos em suas respostas e os mais jovens não souberam informar. O senhor Rubens Okoti ressalta que: “*Os primeiros imigrantes em Marília chegaram em 1926, a cidade se emancipou em 1929, então os pioneiros da imigração japonesa já estavam instalados aqui.*”

Assim como não forneceram informação sobre a imigração, as primeiras famílias também são pouco identificadas por eles. Há, inclusive, segundo eles, famílias okinawanas citadas entre os japoneses imigrantes.

Aqui em Marília teve um ciclo que chamavam de ouro verde. O ouro verde nada mais era do que o café, então aqui expandiu o plantio do café e vieram japoneses que já estavam em outras regiões aqui do Brasil, famílias nikkei que se instalaram aqui e começaram com o plantio do café. Os primeiros imigrantes a chegar aqui foi uma família okinawana, a família Shimabukuro, e a outra família é do Takehiro Yada, esse avô da minha esposa. (Rubens Okoti)

O relato dos entrevistados acerca dos fatos nos mostra o modo como a história inicial da Associação como Nikkey Clube está sendo repassada. Porém, o que aconteceu antes da junção está se perdendo. Lembrando que os dois idosos são os fundadores do Nikkey Clube e contaram detalhadamente como tudo aconteceu desde o início, quando os imigrantes resolveram criar a primeira associação.

Os fundadores queriam construir essa associação para integrar a colônia Nikkei dentro da sociedade, porque a gente estava aqui no Brasil, mas não estávamos integrados a sociedade brasileira. Toshimiti Sasazaki, falecido o ano passado, que foi uma grande perda para Marília pelo fato do conhecimento que ele tinha da coisa como ela funcionava. O Nikkey, quando era no Fragata, já estava muito pequeno, juntaram 30 amigos e compraram onde é o Nikkey sede campestre hoje e doaram para o Nikkey, isso em 1989. Assim que nasceu o Nikkey, juntaram três associações que existia, a Associação Nipo-Brasileira de Marília que a mantenedora era o kai kan e o gako, o Esporte Clube Mariliense mantenedora do Estádio Fragata e a Sociedade Esportiva e Cultural de Marília mantenedora judô e elas passam a se chamar Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília, o Nikkey Clube. O kai kan onde é hoje, nessa época também já era lá. Tudo isso, teve uma boa aceitação porque não teve custo para os associados e descendentes. Quem vestiu a camisa foi o Sr .Shintaku, foi um dos grandes heróis, pois ele tirava dinheiro do próprio bolso para a construção e

manutenção da sede campestre. Os fundadores foram Sr. Shintaku e Toshimiti Sasazaki. (Keniti Mizuno)

Como mostra o relato de Keniti Mizuno, há indivíduos que, nessas memórias, são considerados verdadeiros heróis, como o senhor Shintaku, um dos fundadores do Nykkey Clube, que chamou para si a responsabilidade e ainda assumiu os custos financeiros da empreitada. O senhor Carlos Mitio Nakamura, ao falar das motivações que levaram à fundação do Nikkey Clube completa:

Na realidade isso é natural, pensando que vieram vários japoneses para cá e resolveram montar um clube, e como gostavam muito de basebol, montaram um time e assim esse esporte que não é japonês foi difundido por eles, montaram a entidade e foram se organizando, mas como não sou dessa época eu não sei exatamente como foi. Mas creio que como tinham acabado de chegar e por serem um povo diferente em tudo e principalmente pela língua, eles resolveram montar a comunidade, mas eu penso que o principal motivo era não perder a tradição do país de origem, para dar continuidade para a escola japonesa, o Nikkey tem uma escola que vem desde o início, tem os esportes também e a dança, e nós tentamos manter até hoje.

O Nikkey Clube nasce, portanto, da junção de entidades cujos objetivos estariam ligados às questões culturais, esportivas e educativas dos imigrantes japoneses e de seus dependentes em Marília.

Comecei aqui com 16 anos, e nessa época não era Nikkey, o Nikkey começou em 1991 quando houve a fusão de outras entidades e passou a ser Associação Cultural e Esportiva Nikkey Clube de Marília, antes era Esporte Clube Mariliense e tinha várias divisões dentro da colônia japonesa aqui em Marília, eu jogava basebol na minha cidade e já conhecia a associação por causa de jogos, aí depois mudei pra Marília e fui convidado a fazer parte da equipe de Marília. (Carlos Mitio Nakamura)

O Nikkey Clube, atualmente, é uma entidade que congrega principalmente atividades esportivas e culturais, além do curso de língua japonesa, como destacam os relatos:

[...] Esporte, cultura, temos o karaokê, a escola de língua japonesa, a dança, karaokê dança, dantai odori uma dança típica japonesa com leque, o bon odori e eventos como o Japan Fest, que este ano de 2016 estamos realizando a 14ª edição, Bon Odori e a festa julhina. (Keniti Mizuno)

Apesar de o Nikkey Clube exercer várias atividades, percebeu-se que o motivo pelo qual os imigrantes resolveram criar essa associação permanece até hoje: acima de tudo, querem preservar a escola de língua japonesa.

A dificuldade em transmitir o conhecimento da história da associação é grande. Os jovens não têm interesse, para eles frequentarem eventos da associação está cada vez mais

difícil. Isso faz com que a memória e a cultura japonesa comecem a se perder. A preocupação dos mais velhos é justamente não permitir que a memória se perca. Trazer o jovem novamente para a associação, passar a eles os ensinamentos deixados pelos antepassados para que, assim, se dê continuidade.

O senhor Rubens Okoti, deixa transparecer, em sua fala, certa preocupação com a preservação da memória da imigração japonesa em Marília, ao destacar o desinteresse dos jovens pelo passado.

Nossa vida é curta, e não podemos levar conosco o que fizemos, temos que repassar para as futuras gerações tudo o que fizemos de bom, o que estamos fazendo o mesmo que nossos antecessores fizeram, hoje a associação está sendo dirigida por uma faixa etária mais jovem do que nós quando assumimos e isso serve de alento, para repassar para eles as experiências, a gente tenta trazer o jovem para a associação e acompanhá-lo, mostrar o que fizemos e como se faz, porque só falar não adianta e eles também não querem ouvir. Através da convivência diária é que conseguimos trazê-los. Os jovens de hoje têm a consciência de que precisa preservar a cultura, mas tem muitas outras coisas que competem e que para os dias de hoje são mais atrativos. Mas estamos inserindo eles nas atividades. (Rubens Okoti)

Apesar de tudo, os mais velhos têm o sentimento do dever cumprido. Até onde coube a eles preservar e manter viva a cultura e a identidade japonesa. Agora, eles esperam que os mais jovens deem continuidade a esse trabalho.

Preocupados com a preservação e divulgação da cultura japonesa, o Nikkey Clube criou, nas dependências da sede campestre, um memorial sobre a história de toda a trajetória dos imigrantes japoneses em Marília.

Nós temos um memorial lá na entrada Nikkey, onde temos justo para preservar a cultura aqui no Brasil. A nossa tradição e costume realmente está vivo até hoje por causa do Nikkey. (Keniti Mizuno)

A preocupação com a preservação da cultura também se encontra ligada à necessidade de entrosamento entre os descendentes e à própria cidade onde vivem, pois sabem que essa integração é essencial para a vida em comunidade.

Essa relação da memória com o espaço/tempo é evidenciada também no sentimento de pertença, onde fica explícito que os descendentes japoneses habitantes da região de Marília não mais se consideram estrangeiros como no passado, e sim membros natos da comunidade em que vivem.

Dialogar com os narradores dessas memórias nos permitiu compreender efetivamente a trajetória, os sonhos e os desejos dos imigrantes japoneses e seus descendentes ao virem

para o Brasil e as motivações para que fundassem associações. São histórias que se misturam e se perpetuam, mas que correm o risco de serem esquecidas se não forem registradas. O registro da memória é, portanto, um necessário processo de construção social, especialmente de grupos cuja identidade, cultura e tradições correm o risco de desaparecer. Além disso, os registros para a composição de acervos documentais memorialísticos são essenciais para gerar arquivos de memória a serem disponibilizados para estudos e às gerações futuras.

Sabemos que, historicamente, a produção e reprodução da cultura se dão pelo modo informacional, ou seja, os costumes e crenças são passados de um indivíduo para o outro por meio das histórias contadas por seus ancestrais e dos registros produzidos a partir dessas memórias. Nessas sociedades, a prática social usada para a disseminação da cultura pode ser considerada uma prática informacional, pois em toda interação humana há a necessidade de geração, organização, transferência e mediação de informação para que as histórias sejam disseminadas.

De acordo com Araújo (2001, p. 31),

As práticas informacionais caracterizam-se através das seguintes ações: recepção (como ação de seleção), geração (como atividade de reapropriação, no sentido de agregar valor à informação) e transferência de informação (como ação de socialização da informação). Destaca que a informação deve ser gerada, transferida e recebida através de um processo educacional coparticipativo, possibilitando com isso a formação de um sujeito social com capacidade de desenvolver consciência de si e do mundo e, a partir daí, seja capaz de implementar ações políticas em diferentes níveis, desenvolvendo assim, uma cidadania ativa, ou seja, lutando pela possibilidade de criação, transformação e controle sobre o poder.

Desse modo, entende-se que quando um sujeito acessa uma informação, ele seleciona o que irá ou não utilizar de cada conteúdo. Com essa seleção, o indivíduo pode gerar uma nova informação e transferi-la a outros, agregando conhecimento, numa reapropriação do que foi acessado, ou seja, dando outro sentido e gerando uma nova informação e, conseqüentemente, um novo conhecimento.

Para que a cultura de um grupo não desapareça e sua identidade se transforme a tal ponto que deixe de ser sua representação, é natural que os indivíduos que fazem parte desse grupo guardem alguns materiais relativos à memória, como documentos de variados tipos: cartas, fotos, atas, objetos etc., que são importantes fontes históricas e de informação. Documentar, pois, é uma forma de materializar a memória mediante objetos físicos, gerando suportes materiais de informação.

A construção e escrita de muitas histórias são baseadas em documentos físicos, guardados ao longo do tempo. O documento é, portanto, uma espécie de prova, testemunho que a memória coletiva utiliza para construir uma história. Pode-se afirmar que o registro físico de um fato ou acontecimento é, dessa forma, de fundamental importância para a história.

Documentar as ações humanas por meio de registros em suportes físicos resulta na materialização da informação, que a torna manipulável, classificável e codificável para que seja acessível, independentemente do tempo e do espaço. Infere-se que um acervo documental representativo de uma memória social, pode estar em vários locais e em diversos suportes, e eles podem dizer muito sobre a cultura e a história das pessoas e dos lugares nos quais estão inseridas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, se objetivou compreender o papel das associações japonesas de Marília à preservação da memória, cultura e identidade da imigração japonesa e seus descendentes, habitantes da região a partir da informação registrada e dos relatos memorialísticos. A partir do referencial teórico, da pesquisa documental nas associações e das entrevistas, estabeleceu-se uma relação entre os conceitos de memória, identidade, cultura, informação, história oral e documento e como eles se aplicam nas referidas associações.

Mediante o recurso metodológico da história oral, fomos buscar, junto aos membros das associações, as marcas dos tempos vividos ao longo da trajetória dos imigrantes e seus descendentes. O trabalho com narrativas é um caminho que envolve um percurso muito delicado, árduo e longo. Ao lidar com a vida das pessoas, estamos envolvidos em uma ação cotidiana das experiências humanas para apreender informações sobre o objeto estudado. Contudo, isso está entrelaçado a situações e particularidades históricas individuais, que nem sempre há a intenção de serem reveladas pelos entrevistados. Assim, é necessário envolvimento e conquista o que percebemos ao longo dos meses desta pesquisa, quando nos dispusemos ao trabalho de convencimento dos possíveis narradores até ganhar a confiança e eles aceitarem ser entrevistados.

Essa é a primeira vez que a história da trajetória das associações japonesas em Marília é explorada. Fazendo uso da história oral, pudemos entender um pouco dos anseios dos imigrantes para que houvesse uma associação e que elas fossem responsáveis pela continuidade da manutenção da cultura e da identidade japonesa na cidade de Marília.

Por outro lado, é preciso destacar que registros devem ser produzidos dessas memórias para gerar arquivos, de modo que essas histórias de vida não caiam no esquecimento e se mantenham vivas experiências, tradições e acontecimentos a serem conhecidos pelas gerações futuras.

Evidenciamos que, apesar do Nikkey Clube ser a maior associação japonesa na região de Marília, há uma grande lacuna quando se trata em preservar a memória, especialmente entre os mais jovens. Isso se pode perceber tanto na fala dos entrevistados mais velhos, quanto no fato de termos encontrado dificuldades entre os jovens com disposição para entrevistarmos e que fossem conhecedores dos acontecimentos vividos por essa associação. Já na Associação Okinawa, percebemos que os jovens são bem mais ativos. Para esses jovens, essa associação cumpre o seu papel e eles, em suas entrevistas, deixam claro que futuramente também serão associados e trabalharão para divulgação da cultura e identidade japonesa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 236 p.
- ARAÚJO, A. E. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não governamentais – ONGS brasileiras. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p.31-54, jan./jun. 2001.
- ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL OKINAWA DE MARÍLIA. **Comemoração dos 60 anos da AECOM**. Marília: Okinawa Marília, 2012.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 242 p.
- CUNHA, M. R. da. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2011.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Ed. Vértice. São Paulo: 1990.189p.
- LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. 344 p.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 246 p.
- SAKAMOTO, I. História da imigração japonesa em Marília e a formação das associações. In: ANIVERSÁRIO DO NIKKEY CLUBE DE MARÍLIA, 75., 20 ago. 2005. **Resumos...** Marília: Nikkey Clube de Marília, 2005.
- SILVA, V. H. M. K. **Um Jornal entre Brasil e Japão**: a construção de uma identidade para japoneses no Brasil e brasileiros no Japão. São Paulo: UFSCar, 2008.

VIEIRA, F. I. S. **O japonês na frente de expansão paulista**: o processo de absorção do japonês em Marília. São Paulo: Pioneira; Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. 272 p.

ZILBERMAN, R. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006.